AS ONDAS FEMINISTAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA OS DIREITOS DAS MULHERES NA CONTEMPORANEIDADE

FERNANDA LIMA MARQUES

RESUMO:

O feminismo é um dos grandes movimentos que ocorreu no desenrolar da civilização humana e que possui inúmeras características, conforme suas distintas fases de evolução. Tornou-se uma imensa manifestação cultural e política, na busca pela igualdade entre homens e mulheres no mundo inteiro, angariando excelentes resultados e modificando padrões de comportamentos que há muito eram tidos como nocivos. Nesse sentido, o presente estudo vem com o objetivo de abordar essas diferentes etapas, deslindando suas particularidades, bem como seus principais marcos históricos. Para isso, foi utilizada uma pesquisa com abordagem qualitativa, com procedimento de investigação bibliográfica, pautada nos estudos de autores como Narvaz & Koller (2006), Pinto (2015), Tiburi (2018) dentre outros. Ao fim, constatou-se que as realizações obtidas pelo movimento feminista em sua primeira, segunda e terceira fase, foi o que possibilitou o alcance dos diversos direitos vivenciados pelas mulheres hoje, contudo, apesar disso, o movimento feminista caminha para um período de segregação, algo decorrente da polaridade existente no mundo atual.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo; Ondas do feminismo; Movimento feminista.

INTRODUÇÃO

A luta pela igualdade de gêneros tem raízes nas primeiras eras da civilização humana, pois desde os primórdios, ainda que sem uma explicação plausível, o homem tem subjugado a mulher, relegando-a a espaços e comportamentos pré-determinados, aos quais ela deveria seguir sem questionar.

Independentemente de como a sociedade defina "homem" e "mulher", ser homem sempre foi melhor, sociedades patriarcais educam os homens para pensar e agir de modo masculino e as mulheres para pensar e agir de modo feminino, punindo qualquer um que ouse cruzar essas fronteiras. Apesar disso, não recompensam da mesma forma aqueles que se adaptam. Qualidades consideradas masculinas são mais valorizadas do que aquelas que são consideradas qualidades femininas, e membros de uma sociedade que personificam o ideal feminino recebem menos do que aqueles que exemplificam o ideal masculino. Menos recursos são investidos na saúde e na educação das mulheres; elas têm menos oportunidades econômicas, menos poder político e menos liberdade de movimento. O gênero é uma corrida em que os corredores competem apenas pela medalha de bronze (HARARI, 2016, p. 161).

É somente na segunda metade do século XX que padrões estruturais sociais passaram a ser modificados, em virtude da rejeição ao modelo econômico vigente, no qual apenas alguns países detinham o poder de ditar os rumos da humanidade. Esse rejeitar culminou numa série de movimentos sociais que, primeiramente, tinham como mote a luta contra o capitalismo brutal empregado naquela época, mas que acabaram por evoluir para manifestações em busca de uma nova organização social que respeitasse a subjetividade. Esse, indubitavelmente, foi um processo que deu força para o crescimento do feminismo (MARTINS, 2015, p. 2-3).

O vocábulo feminismo é uma expressão oriunda de um radical latino (femina) que significa mulher, o qual passou a ser empregado para nomear o movimento feminino pela luta do reconhecimento de diversos direitos para a mulher no final do século XIX (PINTO, 2010, p.15). Desde então, este movimento vem assumindo proporções gigantescas, angariando inúmeras vitórias que podem ser vislumbradas não só nas muitas mudanças legislativas que ocorreram, a fim de garantir um leque maior de direitos para o público feminino, como também no padrão de comportamento de várias sociedades, que passaram a enxergar a causa com um novo olhar.

Para fins didáticos, o movimento costuma ser dividido em três grandes fases, também denominadas por alguns autores como "ondas": feminismo de primeira onda, que estava mais focado nas questões que versavam sobre direito de propriedade e voto; feminismo de segunda onda, que observou mais atentamente outros aspectos da desigualdade, tendo os EUA e a França como seus maiores expoentes.

As feministas americanas enfatizavam a denúncia da opressão masculina e a busca da igualdade, enquanto as francesas postulavam a necessidade de serem valorizadas as diferenças entre homens e mulheres, dando visibilidade, principalmente, à especificidade da experiência feminina, geralmente negligenciada (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 649)

Jó o feminismo da terceira onda iniciou-se, aproximadamente, em meados da década de 1990, buscando analisar e discutir a construção cultural ao redor da questão do gênero. "O gênero passou a ser uma categoria relacional e política. Não mais baseado nas diferenças biológicas ou "naturais", diz-se que o gênero foi (des)naturalizado"

(SCOTT, 1986 apud NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 650).

Como se pode observar, desde tempos muito pretéritos que a mulher luta por um espaço cada vez maior dentro do corpo social, uma jornada rica e cheia de desdobramentos que reverberam até os dias atuais e que ainda hão de ecoar no futuro. Nesse sentido, o presente estudo vem propor uma breve discussão sobre essa história e como os fatos decorrentes dela influenciaram comportamentos que ressoam atualmente. Para isso, se pautará na seguinte questão norteadora: A compreensão das fases do feminismo possibilita o entendimento das reais dimensões desse movimento para as mulheres contemporâneas?

No decorrer do trabalho, para melhor satisfazer a questão supradita, optou-se pela realização de uma pesquisa qualitativa com fins exploratórios que, conforme Gil (2002, p.133) envolve verificação bibliográfica e observação de situações que possibilitem o entendimento de determinados fatos. Dessa forma, utilizou-se do procedimento de pesquisa documental, no qual foram investigadas as mais variadas fontes de diversos autores.

Para se chegar ao objetivo central, fez-se um breve histórico sobre importantes marcos do feminismo. Em seguida, respectivamente, foi feita uma abordagem acerca das ondas feministas e suas características.

PRIMEIRAS FEMINISTAS

A luta pelos direitos femininos remonta desde a Grécia Antiga, onde o pensamento predominante acerca da mulher era envolto de estereótipos e preconceitos que inviabilizavam sua participação social (SILVA, 2009, p.242). Entretanto, mesmo em uma sociedade rigorosamente patriarcal, ocorreram movimentos que buscaram quebrar paradigmas, como a revolta contra a conhecida Lei de Oppia , que ocorreu na Roma Antiga, resultando na revogação desse diploma legislativo.

A revolta das romanas pela revogação da Lex Oppia Sumptuaria é um bom exemplo da coragem com que lutaram bravamente por seus direitos, revelando que foi através das sucessivas mudanças do regime do casamento que a mulher começou a obter algumas vitórias na direção à sua maior autonomia (DANTAS, 2015, p.1)

No século 15, por volta de 1420, é possível vislumbrar uma outra conhecida manifestação do pensamento feminista na obra O livro da cidade das mulheres, de Chirstine Pizan, texto que continha um protesto contra a situação precária da mulher na Idade Média (NERI, 2013, p. 69-70). Mais adiante, o Iluminismo - e sua famosa tríade ideológica de liberdade, igualdade e fraternidade – influenciou o pensamento de alguns escritores, que acabaram por voltar o olhar para a questão do feminino, dentre estes destaca-se Margaret Cavendish, filósofa que se utilizou de seus escritos para dar voz às ideias em prol do reconhecimento das mulheres (SILVA, 2007, p.4).

Outro nome de destaque nessa luta foi Abigail Adams, a segunda primeiradama norte americana que, se utilizando de sua posição, buscou dar luz à causa feminista, reagindo à precária situação feminina dentro da sociedade, salientando que isso, em algum momento, acarretaria revolta (ALVES; PITANGUY, 2003 apud NIELSSON, 2016, p. 120). Algo que, de fato, ocorreu no século 19, quando o apelo pela igualdade feminina se juntou a uma outra manifestação poderosa: o movimento abolicionista (DORLIN, 2019, p. 67).

Dessa forma, é no século 19 que as lutas se intensificam, começando a apresentar um cenário com pensamentos e ideias novas que culminariam no surgimento da primeira onda do feminismo e a obtenção de mais direitos para as mulheres (PINTO, 2010, p.15).

FEMINISMO DE PRIMEIRA ONDA

Na primeira onda é possível vislumbrar duas ações que impactaram muito na progressão do movimento feminista: a convenção de Seneca Falls e a ação das sufragistas.

Na Convenção de Seneca Falls de 1848 , elaborou-se a famosa Declaração de Sentimentos, na qual constava o seguinte ideal: que todos os homens e mulheres são criados iguais. Este fato deu margem para o início de uma luta em busca de um direito que há muito vinha sendo negado às mulheres: o voto (DA SILVA; SEABRA; SOARES JUNIOR, 2017 p.306).

Inicialmente, a ideia não foi muito bem aceita até mesmo na convenção, entretanto o impulso dado pelo movimento abolicionista possibilitou que, aos poucos, os ideais feministas tivessem um maior alcance, conforme afirma Dorlin (2019, p. 67) “[...] é da mobilização abolicionista que nasceu o movimento sufragista estadunidense”.

O primeiro momento do feminismo da primeira onda foi caracterizado pelo seu cunho conservador, questionando a divisão sexual dos papeis exercidos entre homens e mulheres. As mulheres contestavam as diferenças contratuais e econômicas, diferença na capacidade por escolher aquilo que lhe era conveniente, ou seja, diferença na liberdade que lhes era concedida e, sobretudo,

a diferença política, pois eram proibidas de votar e escolher por quem gostariam de ser representadas. [...] essas reivindicações implicaram na época, como torturas, abusos, rejeições familiares e privações de liberdade. (MONTEIRO; GRUBBA, 2017, p. 6)

Ainda nos Estados Unidos, o advento da Primeira Guerra Mundial trouxe consigo inúmeras transformações sociais, uma delas foi a participação das mulheres como uma importante força de trabalho, fato que tornou perceptível que estas poderiam sim executar funções para além dos afazeres domésticos (GREENWALD, 1990 apud RAMOS, 2018, p.15). Isso impulsionou ainda mais a busca pela ampliação dos direitos femininos, dando força para o crescimento do movimento sufragista que, em 1920, conseguiu a sua maior vitória: a aprovação da 19ª Emenda , dando direito ao voto feminino (MONTEIRO; GRUBBA, 2017, p.6).

Outro momento histórico determinante para o avanço do ideário feminista foi a Grande Depressão , acontecimento que criou um cenário onde as mulheres que, até então, concentravam-se em atuavam unicamente nos cuidados do lar, precisaram ajudar seus maridos com o sustento da família, uma vez que o desemprego tornou-se uma realidade assustadora e brutal. De início, os cargos destinados a elas eram os de secretárias, domésticas, babás, funções sempre atreladas à ideia de que uma mulher serve apenas para cuidar (MELO, 2017, p.42). Todavia, a partir da Segunda Guerra Mundial, passou a ocorrer uma gradativa mudança nessa perspectiva, e mulheres puderam participar em outros cargos, inclusive, nas Forças Armadas (MILKMEN, 1987 apud RAMOS, 2018, p.16)

Não obstante, apesar do novo espaço concedido, muitos foram os obstáculos criados a fim de tentar reprimir o comportamento feminino, que vinha cada vez mais se tornando dissonante daquilo que era considerado como tradicional.

Uma educação e um trabalho para as mulheres, sim, mas sob a vigilância e sob condições, com a reserva de que nenhuma consequência daí resulte para a família, com a reserva de elas se manterem naquilo que é aceitável para as mulheres em cada época, com a reserva de que não criem problemas à escassez e à excelência dos títulos e dos postos ocupados pelos homens. Trata-se então de inculcar, desde a escola primária e na família, nos rapazes e nas raparigas, dois sistemas de disposições diferentes que pouco a pouco se encarnarão em dois sistemas de posições separadas no trabalho. O século XX escreveu portanto a história da entrada maciça das mulheres na educação e no salariato, mas eivada de uma desigualdade das possibilidades escolares e da não miscibilidade das profissões (LAGRAVE, 1991, p. 506 apud MELO, 2017, p. 42)

As mulheres que passaram a ocupar diversos postos de trabalho, interessaram-se por buscar igualdades de direitos também no meio laboral, na tentativa de minar as restrições duramente impostas. Esse fato resultou na promulgação da Lei de Igualdade Salarial, o Equal Pay Act, em 1963, diploma legislativo que surgiu com o intuito de abolir a disparidade salarial com base no gênero. Iniciou-se, então, a segunda onda feminista.

FEMINISMO DE SEGUNDA ONDA

O chamado feminismo da "segunda onda" engloba o período de 1960-1980. Nele, as mulheres perceberam que as desigualdades culturais e políticas estavam intimamente interligadas, o que possibilitou compreender o quanto a vida pessoal refletia na construção de "estruturas de poder sexistas" (CONSOLIN, 2017, p.2). "A partir da construção coletiva de um entendimento sobre si mesmas e sobre seu papel na sociedade, as mulheres expuseram de maneira franca as potências que fizeram deste um movimento autônomo e revigorante" (CUNTO, 2018, p.14).

Não foi um movimento unificado nem homogêneo, mas tinha um objetivo comum: a igualdade dos sexos. Nasceu do reconhecimento de que, apesar dos avanços consideráveis da Primeira Onda do feminismo, as mulheres ainda não haviam alcançado uma igualdade genuína com os homens em todas as facetas da vida.

A autora Betty Friedan foi uma peça-chave nessa etapa do feminismo. Em 1963, ela publicou a obra The Feminine Mystique, criticando a ideia equivocada de que a mulher só poderia ser feliz e completa, caso estivesse em uma família padrão, cuidando de uma casa e rodeada por filhos. Esse assunto entrou em pauta por causa do sentimento de frustação vivenciado por inúmeras mulheres que, após finda a Segunda Guerra, retornaram para as antigas funções do lar e não conseguiram mais adaptar-se a isso de modo tranquilo e submisso, algo que acabou por gerar uma profunda crise de identidade, estimulando uma luta por cada vez mais espaço e compreensão (ZUCO, 2005, p. 2-3).

O abandono de uma atividade com representatividade social para a dedicação exclusiva às atividades domésticas, ocasionou um sentimento de frustração coletivo dessas mulheres, ou seja, "o problema sem nome". O sufocamento causado por essa vivência, denunciado por Betty Friedan, embalaria a segunda onda feminista nos Estados Unidos, em busca de outros papéis para as mulheres que não fossem os de esposa e mãe. Desta forma, mulheres mais autônomas, que procurassem sua realização não somente através do casamento, mas que

buscassem um emprego, estariam afastando a insatisfação que a dedicação exclusiva ao lar acarretou (ZUCCO, 2005, p. 3)

Apesar de tantas lutas, a maioria das barreiras à igualdade de gênero se manteve firme depois da década de 1960. A segunda onda teve sim um grande impacto, mas encontrou uma enorme resistência, seja por homens e, até mesmo, por mulheres que rejeitavam ideias tão revolucionárias para a época. Entretanto, observou-se, a partir de então, o desmantelamento gradativo de alguns paradigmas sociais por meio de novas leis e políticas públicas, situação está vivenciada até os dias atuais.

FEMINISMO DE TERCEIRA ONDA

O feminismo da terceira onda começou no início da década de 1990 e procurou analisar os fracassos ocorridos na primeira e segunda onda. Nessa fase do movimento, buscou-se desafiar as definições de feminilidade que surgiram das ideias da segunda onda, argumentando que esta última enfatizou exageradamente as experiências das mulheres brancas de classe média alta, deixando de lado as preocupações das mulheres de cor, lésbicas, imigrantes e minorias religiosas (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 648).

Nesse sentido, a terceira onda passou a enxergar a vida das mulheres a partir de características como raça, etnia, classe, religião, gênero e nacionalidade.

O final do século XX apresentou um cenário que levou as mulheres a um processo político e identitário de reação ao modelo patriarcal constituído histórica e culturalmente, de modo a eclodir manifestos contrários à invisibilidade, desigualdade e violência. [...] Esse processo culminou na pluralidade do feminismo, pois temas tradicionais e novos mobilizaram as mulheres a ampliarem o debate acerca de questões históricas sobre a condição da mulher em relação aos marcadores de raça, etnia, sexo, classe, geração, como também remeterem novas pautas a partir das demandas dos novos lugares ocupados pelo feminismo (OLIVEIRA, 2015, p. 3)

Nessa etapa, os direitos reprodutivos foram uma importante pauta, levantando relevantes questionamentos sobre o corpo feminino e a geração da vida, trazendo à baila reflexões acerca do aborto e da pílula anticoncepcional, além de novas reinvindicações mais abrangentes.

A Terceira Onda apresenta uma pauta de reivindicações mais ampla do que o grupo da Segunda Onda, uma vez que engloba "a teoria queer, a conscientização da negra, o pós-colonialismo, a teoria crítica, o transnacionalismo", entre outros. Aponta como aspecto relevante a autoestima sexual, uma vez que a sexualidade é também uma modalidade de poder. Feministas marginalizadas, anteriormente, contribuem para estabelecer a identidade dessa onda que acredita ser a contradição e a negociação das diferenças uma das características mais significativas do feminismo contemporâneo (ZINANI, 2009, p. 413).

Diferentemente da Primeira e da Segunda, a Terceira onda teve uma ampla difusão em virtude do crescente desenvolvimento tecnológico na área da comunicação. Assim, por meio da mídia, os ideais feministas espalharam-se pela cultura pop, alcançando, pela primeira vez, um público mais jovem.

A partir do final dos anos 1990 é possível perceber não só muitas jovens se interessando pelo movimento, mas também trazendo uma perspectiva de juventude para as bandeiras do movimento, o que nenhuma outra geração de jovens anterior ainda havia reivindicado no feminismo. Assim, da mesma forma que em décadas anteriores, o feminismo foi obrigado a reconhecer um novo grupo demandando espaço dentro do movimento e visibilidade para sua forma de perceber e expressar suas questões (ZANNETI; SOUZA, 2008, p.3).

Nesse período, surgiram diversas bandas musicais de garotas que espalhavam mensagens de empoderamento feminino por meio de gêneros como o punk rock, fato que gerou forte influência no cotidiano dos adolescentes (PAULA, 2015, p.7). Além da música, o cinema também foi uma relevante fonte disseminadora das ideias advindas da terceira onda, algo que pode ser percebido no crescente espaço dado a personagens femininas em grandes produções Hollywoodianas (ACSELRAD, 2015, p. 101). Tudo isso possibilitou, pela primeira vez, que mulheres já desde a infância passassem a ter contato com fortes preceitos feministas.

FEMINISMO CONTEMPORÂNEO

Hodiernamente, existem diferentes ondas do pensamento feminista, com inúmeras ideologias - algumas mais radicais que outras - distintivamente dos momentos anteriores do feminismo, fato que, de certa forma, ocasionou a segregação do movimento, pois muitas mulheres passaram a rejeitar essas visões extremas, nas quais o masculino sofre uma espécie de demonização em detrimento do feminino. Tiburi (2018) faz uma alerta sobre isso, convidando à reflexão acerca do que, de fato, vem a ser o feminismo na atualidade.

Sugiro que, para compreender com mais cuidado e delicadeza o feminismo, comecemos por uma autocrítica. Sendo ou não feministas, dizendo-nos ou não feministas, seria interessante analisar a nossa ade-

são ou a nossa rejeição imediata a algo que nos chama nesse momento a uma posição. O que é o feminismo para uma de nós – ou quem se sente convocado por ele? O que desejamos do feminismo? Por que o amamos, por que o odiamos? Podemos confiar em algo como o feminismo quando pensamos em transformar o mundo?

A partir daí é necessário que nos esforcemos por entender a sociedade na qual o feminismo surge como uma demanda real. Há um desejo concreto de feminismo entre nós (TIBURI, 2018, p.25).

Entretanto é valido lembrar que, apesar dessa segregação, a crença no feminismo de outrora foi o que empoderou as mulheres de hoje, dando subsídios para uma luta que, apesar de ter angariado muitas vitórias, ainda está bem longe de ter seu fim.

Desde o início dos anos 2000, a ideia de que o movimento feminista teria perdido a razão de ser e se tornado pouco atraente para as novas gerações de mulheres tem sido tema recorrente nos meios de comunicação. Nos discursos mais comuns da mídia, as causas apontadas para o suposto fim do feminismo são variadas e mesmo opostas. Enquanto para alguns a "crise" do movimento é explicada por seu fracasso em alcançar os objetivos almejados ou em manter sua "integridade" ideológica, para outros, é o seu extraordinário sucesso que o torna agora dispensável (GOMES; SORJ, 2014, p.1)

Portanto, apesar de ser tarefa difícil rastrear a narrativa do feminismo à medida que ela se desenvolve para lidar com várias condições, cabe às feministas de hoje a obrigação de aprender sobre as lutas que moldaram o mundo em que vivem, bem como reconhecer aqueles que foram marginalizados no passado, pois o feminismo é essencial e ainda tem um longo caminho a percorrer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificar os principais acontecimentos que envolveram a eclosão e expansão do movimento feminista foi o objetivo central deste estudo, sendo este alcançado com êxito, em virtude da vasta literatura que existe a respeito do tema em questão.

A pergunta norteadora também foi satisfeita, uma vez que se percebe o quão importante é ter o conhecimento das bases históricas do feminismo para compreender os seus reais reflexos dentro da sociedade contemporânea.

Os objetivos específicos foram devidamente deslindados, pois possibilitaram um estudo mais didático, ampliando a compreensão sobre os processos históricos que ocorreram em cada fase do feminismo.

Vale ressaltar que, durante a pesquisa, ficou claro que há uma divergência de pensamento dos autores da área quanto a classificação do movimento em “ondas”, sendo que esta parece ser a classificação mais utilizada.

Por fim, o estudo propiciou o reconhecimento da importância desse movimento e o quanto ele ainda precisa avançar, pois, apesar das divergências existentes entre as feministas de hoje, ainda há algo em comum que as une: a luta contra o grande poder limitador do patriarcado.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Marcio. A teoria feminista vai ao cinema: configurações e reconfigurações do feminino na tela. Vozes e Diálogo, v. 14, n. 01, 2015. Disponível em:< https://core.ac.uk/download/pdf/270173204.pdf>. Acesso em 10 de dezembro de 2023.

CONSOLIM; Veronica Homsi . Segunda onda feminista: desigualdade, discriminação e política das mulheres. Justificando. Setembro, 2017. Disponível em:< https://www.justificando.com/2017/09/14/segunda-onda-feminista-desigualdadesculturais--discriminacao-e-politicas-das-

mulheres/#:~:text=Nasce%2C%20ent%C3%A3o%2C%20a%20segunda%20onda,er a%20a%20discrimina%C3%A7%C3%A3o%20de%20g%C3%AAnero.&text=Buscava m%2C%20assim%2C%20incentivar%20as%20mulheres,de%20estruturas%20de%2 0poder%20sexista>. Acesso em 5 de dezembro de 2023.

CUNTO, Julia de. Escuto enquanto estão caladas: carta à segunda onda feminista. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em:< https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/8674>. Acesso em 10 de dezembro de 2023.

DA SILVA, Cristian Kiefer; SEABRA, Débora Totini; SOARES JÚNIOR, Luiz Antônio.

Feminismo, Violência e Poder: Uma Análise Histórico-Jurídica da Trajetória e dos Documentos que Culminaram na Lei Maria da Penha e no Feminicídio. Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Direito – PPGDir./UFRGS, Porto Alegre, v.

11, n. 3, fev. 2017. ISSN 2317-8558. Disponível em:

<https://www.seer.ufrgs.br/ppgdir/article/view/66459/40479>. Acesso em: Acesso em 01 de dezembro de 2023. doi:https://doi.org/10.22456/2317-8558.66459.

DANTAS, Ana Florinda. A revolta das mulheres romanas contra a Lei Oppia. Almagis. 2015. Disponível em:<https://vdocuments.mx/a-revoltadas-mulheres-romanas--contra-a-lei-oppia-lex-oppia-.html>. Acesso

em 7 de dezembro de 2023.

DORLIN, Elsa. Revolução do feminismo negro!. Revista Artemis, v. 27, n. 1, p. 63-

88, 2019. Disponível em:< https://www.academia.edu/download/59987599/ART_320190711-408181cxur8l.pdf>. Acesso em 10 de dezembro de 2023.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Disponível em: http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_ de_pesquisa.pdf>. Acesso em 08 de dezembro de 2023.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil. Soc. estado. , Brasília, v. 29, n. 2, pág. 433-447, agosto de 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-

69922014000200007&lng=en&nrm=iso>. acesso em 13 de dezembro de 2020. https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000200007 .

HARARI, Yuval. Nohan. Sapiens: uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2016. Disponível em:< https://estudocerteiro.com.br/downloadsapiens-pdf/>. Acesso em 10 de dezembro de 2023.

MARTINS, Ana Paula Antunes. O Sujeito “nas ondas” do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade. Revista Café com Sociologia. Vol.4, Nº1. Jan. - abr.

2015. Disponível em:< https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/download/443/p df_1>. Acesso em 10 de dezembro de 2023.

MELO, Flávia da Rosa. Mulheres da grande depressão: a intinerância das representações femininas e maternas no romance e filme As vinhas da ira-Estados Unidos (1930-1940). Dissertação. Universidade Federal do Paraná, 2017. Disponível em:< https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47941>. Acesso em 01 de dezembro de 2023.

MONTEIRO, Kimberly Farias.; GRUBBA, Leiliane Serratine. A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de suffragettes às sufragistas. Direito e Desenvolvimento, v. 8, n. 2, p. 261-278, 7 dez. 2017.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. Psicol. estud. , Maringá, v. 11, n. 3, pág. 647-654, dezembro de 2006. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

73722006000300021&lng=en&nrm=iso>. acesso em 18 de janeiro de 2021.

http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722006000300021. Acesso em 10 de dezembro de 2023.

NERI, Christiane Soares Carneiro. Feminismo na Idade Média: conhecendo a cidade das damas. Revista Gênero & Direito (1) 2013. ISSN 2179-7137. Disponível em:< https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ged/article/view/16950/9653>. Acesso em 10 de dezembro de 2023.

NIELSSON, Joice Graciele. O liberalismo democrático-igualitário e a justiça feminista: um novo caminho. Tese. Universidade do Vale do Rio Santos. São Leopoldo, 2016. Disponível em:<

http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/6094/Joice%20Grac iele%20Nielsson_.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 05 de dezembro de 2023.

OLIVEIRA, Catarina Nascimento de. Congresso Internacional Interdisciplina em Sociais e Humanidades. Anais. Foz do Iguaçu PR: UNIOESTE, 8 a 11 de dezembro de 2015, ISSN 2316-266X, n.4 Disponível em:<http://www.aninter.com.br/Anais%20Coninter%204/GT%2010/04.%20NAS%20%23U201cONDAS%23U201d%20DO%20FEMINISMO.pdf: Acesso em 5 de dezembro de 2023.

PAULA, Fabiana de. Mulheres no rock: por que ainda somos tão poucas?. Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em:< http://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/mulheresnorock_artigo.pdf>. Acesso em 10 de dezembro de 2023.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em:< https://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>. Acesso em 10 de dezembro de 2023.

RAMOS, Nayra Thamires Alves. O trabalho feminino e a guerra: como conflitos armados modificaram a participação feminina no mercado de trabalho em Ruanda e Somália. 2018 [26] f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Relações Internacionais). Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/24500>. Acesso em 10 de dezembro de 2023.

SILVA, Alexander Meireles da. Utopia para quem? O desenvolvimento da literatura de utopia feminina. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, v. 6, n. 23,

2007. Disponível em:< http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/354>. Acesso em 01 de dezembro de 2023.

SILVA, Marinete DOS SANTOS. Gênero, cidadania e participação política: as aventuras e desventuras de uma" cocotte? no movimento abolicionista. Caderno Espaço Feminino, v. 21, n. 1, 2009. Disponível em:<

http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/3696>. Acesso em 10 de dezembro de 2023.

TIBURI, Marcia. Feminismo em comum. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

ZANETTI, Julia; SOUZA, Patricia. Jovens no feminismo e no Hip Hop na busca por reconhecimento. 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, p. 1-4, 2008. Disponível em:< https://www.academia.edu/download/30872282/julia_zanetti.pdf>. Acesso em 05 de dezembro de 2023.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Crítica feminista. BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas, v. 3, p. 217-242, 2009. Disponível em:<

https://www.academia.edu/download/60648995/CRITICA_FEMINISTA__UMA_CON TRIBUICAO_PARA_A_HISTORIA_DA_LITERATURA20190919-532851t1xgcx.pdf>. Acesso em 10 de dezembro de 2023.

ZUCCO, Maise Caroline. Influências do feminismo estadunidense no Brasil: relatos e leituras. Simpósio nacional de história, v. 23, 2005. Disponível em:< http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuh-nacional/S.23/ANPUH.S23.06_33.pdf>. Acesso em 10 de dezembro de 2023.